

# Filosofia na Sala de Aula:

## Qual é a utilidade da filosofia na sala de aula?

Kênia Hilda Moreira ([1](#))

Qual é a utilidade da filosofia na sala de aula? Que utilidade tem a filosofia em nossa vida? A filosofia parece ser não apenas desnecessária para o bem viver, como incompatível com a idéia de uma vida tranqüila. Mas ela é importante na sala de aula e na nossa vida porque nos ajuda a refletir e a reflexão, por sua vez, nos possibilita a agir com liberdade de escolha. Assim, a filosofia nos ajuda a ser livre.

A pergunta inicial, porém, deveria ser: Que utilidade tem a filosofia em nossa vida? Aprendemos e ensinamos, trabalhamos, ouvimos música, namoramos, passeamos e podemos construir nossas vidas com sucesso no campo profissional-financeiro e amoroso sem nos deixarmos envolver pelo discurso e pelos problemas filosóficos. Parecemos viver muito bem sem ela. Aliás, pelo que pudemos perceber em nossa atividade de docente de filosofia, as questões filosóficas normalmente nos deixam incomodados, mal humorados, ansiosos. Isso porque dentre outros motivos, como normalmente ocorre, ao tentar resolvê-las, deparamo-nos com outros problemas que até então não havíamos considerado. Assim, a filosofia parece ser não apenas desnecessária para o bem viver, como incompatível com a idéia de uma vida tranqüila.

A atividade filosófica lida com problemas aparentemente distantes da vida comum, o filósofo é visto como um sonhador de sonhos inefáveis, ou ainda, como uma pessoa que está sempre envolvida com assuntos que a grande maioria das pessoas não dá a menor importância.

A filosofia e os filósofos, parecem ser vistos pela sociedade, pelo senso comum, como uma chatice, algo sem nenhuma utilidade. E na sala de aula a situação é a mesma, ou talvez pior, pelo fato de ser uma disciplina geralmente aplicada no primeiro período dos cursos superiores, quando os alunos chegam com toda a carga valorativa do senso comum sobre a filosofia, ou com uma visão deturpada da matéria que viram por outros meios e nada entenderam. Não gostamos do que não conhecemos, a idéia do *pré-conceito*. Mas essa visão negativa da filosofia não se restringe ao senso comum. Vários pensadores adotaram uma postura destrutiva com relação à filosofia, ou pelo menos com relação ao que eles concebiam como sendo filosofia.

Grandes personalidades como Guimarães Rosa (1908-1967) e Fernando Pessoa (1888-1935), por exemplo, questionaram a utilidade da filosofia. Sobre a filosofia como disciplina no ensino superior, Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, afirmava sobre os filósofos docentes nas universidades, que se tratavam de *professores que falavam difícil para impressionar os alunos, apresentando livros de*

*difícil compreensão* (2001, p. 46), dentre tantas outras críticas. Schopenhauer tem razão, ao fazer essa crítica, e acredito que não seja uma crítica apenas de sua época, pois ela tem validade no mundo atual, porém, não se trata de uma totalidade, de uma realidade geral. Mas as pessoas que tem acesso a essas informações, tendem a adaptá-las a uma realidade que não lhe cabe, sem percepção do contexto. Como por exemplo, a crítica de Karl Marx (1818-1883), afirmando que os filósofos até hoje se preocuparam apenas em interpretar o mundo, sem se preocupar, porém, em transformá-lo. Não pensamos que Marx estava dizendo que devemos simplesmente parar de interpretar e apenas transformar, porque a transformação requer interpretação, e esta sem transformação não tem utilidade, pois a interpretação em termos da atitude reflexiva do filósofo deve ser sempre em última instância uma interpretação com vistas à transformação do mundo que vivemos, mundo esse que tem passado, presente e futuro. Daí ser possível interpretá-lo e melhorá-lo. Acreditamos que Marx está se referindo a um determinado tipo de filósofo, ou a um determinado tipo de filosofia: aquele que em nada contribui para o desenvolvimento da humanidade, que é hermético, arrogante e auto-suficiente. Esse tipo de filosofia, realmente, não é interessante.

Mas então, qual seria a natureza do trabalho filosófico? Antes, o que é a filosofia? Filosofia não é matéria de conhecimento, em todas as outras disciplinas temos algo a aprender, mas na filosofia não é assim. VERGEZ afirma que: *se alguém espera da filosofia um conjunto de conhecimentos precisos e certos, bastando tão-somente adquiri-los, sua decepção será completa* (1987, p.23). Filosofia é procura e não posse, filosofia é constante pergunta, questionamento. Portanto, o trabalho filosófico é um trabalho de reflexão. Assim, a filosofia não é um conhecimento de primeiro grau, mas de segundo, um conhecimento do conhecimento, um saber do saber. E o filósofo é aquele que busca a sabedoria, ou que procura ser amigo da sabedoria. Ele não é o homem das respostas, mas das perguntas. E ainda, ele lida com idéias que não são sempre traduzíveis em coisas concretas, tais como o conceito de 'verdade' ou de 'bem'.

Uma das características importantes da filosofia é a preocupação com a verdade. As questões filosóficas podem muito bem ficar sem respostas, ou podem mesmo propiciar polêmicas intermináveis, como geralmente ocorre. Mas elas são questões de qualquer modo e requerem, por isso mesmo, uma avaliação das razões sugeridas e propostas para que possamos caracterizá-las como verdadeiras ou falsas. Afinal, a filosofia não pode ser um mero aglomerado de proposições retóricas, sem qualquer pretensão de estabelecer princípios sólidos. Ela pode ser definida como uma atividade a partir da qual se estudam métodos e metas das nossas formas diferenciadas de reflexão, a fim de que possamos chegar a conclusões sobre os seus limites e a sua validade. A pesquisa filosófica se dá de uma maneira racional, quer dizer, sem qualquer remissão à fé, visando o estabelecimento de respostas convincentes a questões as mais diversas que fogem ao âmbito das ciências particulares, mas que são comumente trazidas à luz por elas.

Assim, a filosofia é a reflexão da reflexão. Através do filosofar, podemos saber mais sobre a nossa capacidade reflexiva. Mas então voltamos a pergunta: Qual é a importância dessa reflexão como disciplina na sala de aula? A resposta é simples, mas essencial. Sem refletir, não poderíamos *ser livres*. Agir sem refletir significa não ser dono das próprias ações, ou ser movido por causas outras que não a nossa própria razão. Essa é a diferença entre nós e os robôs. Eles não possuem poder de reflexão e por isso mesmo eles não podem escolher por si mesmos o curso de ação que irão adotar. Do mesmo modo, quando adotamos um certo curso de ação 'sem refletir', mecanicamente, assemelhamo-nos a um autômato, ou a um robô nas mãos do primeiro que passa.

É neste momento que fica claro o porquê do filosofar. A ponte entre a filosofia e as outras áreas não é imediata. Mas ela existe. Quando afirmamos que sem refletir seríamos apenas autômatos, queremos dizer que a atividade reflexiva é condição de possibilidade das decisões *livres*. Se assim é, então *filosofia tem a ver com liberdade*. Explicamos melhor: se a atividade reflexiva leva-nos a ser livres, e se a filosofia permite-nos usar essa capacidade reflexiva com cada vez mais profundidade, então a filosofia pode ser vista como uma ferramenta essencial para a nossa liberdade, levando-nos a *pensar mais claramente* e, em conseqüência disso, a usar a capacidade de escolha em sua plenitude. O exercício da filosofia é a expressão mais profunda e plena da nossa liberdade. É a liberdade do pensar, do refletir, que nos leva a agir livremente. O exercício da liberdade pressupõe que reflitamos sobre as nossas vidas, as nossas ações, as pessoas que nos rodeiam, o país em que vivemos, as regras da comunidade a qual pertencemos, e as informações verdadeiras ou falsas que obtemos.

Esse é um resultado fundamental. Então quando perguntamos sobre o porquê de se estudar filosofia, independente dos interesses intelectuais de cada um, essa é uma resposta possível. Além disso, a relação entre filosofia e liberdade permite que respondamos àqueles que dizem que o filósofo em nada contribui para o desenvolvimento da humanidade ou para a mudança, para melhor, da realidade. Se procurarmos mudar a realidade sem liberdade, na verdade estaremos mudando algo não segundo a nossa vontade, mas segundo a vontade dos outros.

No caso da filosofia, temos que filosofar mesmo para negá-la, como disse Aristóteles. Temos que ser filósofos mesmo se desejarmos jogar fora a filosofia. E a filosofia na sala de aula é a oportunidade que os alunos tem de entrar em contato com essa reflexão da reflexão, e assim poder agir com liberdade.

---

## Bibliografia

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. Filosofia na escola. Nova Escola, São Paulo, ano XVI, n. 148, p. 46, dez. 2001.

VERGEZ, André & HUISMAN, Denis. A filosofia sua necessidade e seu fim. In.:  
Compêndio Moderno de Filosofia. Trad. Lélia de Almeida Gonzazes. 5ª Ed. Rio de  
Janeiro: Freitas Bastos, 1987. pp. 23-29.

---

[\(1\)](#) Mestranda em educação escolar na UNESP-Ar. Professora de Introdução à  
filosofia no curso de Pedagogia da UNIFAN - Aparecida de Goiânia, Goiás.